

O Processo de Beatificação de Pai Américo

A pergunta frequente «como vai o Processo de Pai Américo?», pede resposta e é tempo de pormos aqui o estado da questão: Tudo o que estava em nossas mãos fazermos, está feito; e passado às mãos das Instâncias da Cúria Romana, às quais pertence o julgamento e a sentença final.

Deus sabe que tomámos a iniciativa de pedir a sua abertura, estimulados por muitas vezes sérias, responsáveis, entre as quais as de alguns Bispos. Não porque fraquejasse em nós a convicção do mérito daquele cuja glorificação se pedia; mas por escrúpulo de que tal acção pudesse ser, de algum modo, infidelidade a duas virtudes fundamentais ao pensamento e projecto espiritual que nos legou: a Humildade e a Pobreza. E ainda porque a Fé do Povo, que também é fonte de autenticidade na Igreja, há muito o havia canonizado. Mas a iniciativa foi tomada, foi por diante e não estamos arrependidos: Ficou um levantamento, que mais tarde seria muito difícil e algo dele impossível, de uma vida heroicamente vivida, com uma só ambição, numa só linha de rumo: «Amai-vos como eu vos ame!». «Homem

de um só Livro, o Evangelho» — dizia ele de si mesmo — que o fez homem de uma só paixão: O seu Mestre e Senhor Jesus Cristo, a Quem via, com Quem convivia nos mais pequeninos dos irmãos.

«A Humildade é a Verdade». Podermos conhecê-lo e venerá-lo mais e melhor não pode ferir a Humildade. Também a Pobreza não foi afectada. É certamente, mesmo, uma marca específica deste processo, a condizer com o *processado*: a gratuidade de todos os principais intervenientes, o que tornou possível, julgo, não terem sido sequer consumidos em algumas despesas materiais e de comunicação inevitáveis, os dons que voluntária e expressamente nos chegaram com este destino. Nem em cifrões nem em jogos de influências, pois, foi a Pobreza afectada.

Ao Senhor D. Gabriel de Sousa, que às vezes dizia, sorrindo: «Ando aqui a tratar da santidade de outros... Deus me não deixe perder da minha!» — Deus não deixou, já o lá tem consigo. A todos os outros, nomeadamente ao devotadíssimo postulador em Roma, que venha d'Ele igualmente a recompensa.

Mas não quero silenciar que à essencial oportunidade desta notícia, eu junto outra: o «Ponto de Vista» do Dr. Pacheco de Andrade, em «Voz Portucalense» de 18 de Maio, intitulado «Canonizações».

No princípio elas nasciam por aclamação popular. Há poucas semanas uma tal aclamação sucedeu, referida ao Papa recém-falecido e a propósito escreve o articulista: «Talvez que os brados na Praça de S. Pedro, que impressionaram Bento XVI e o levaram a fazer tábua rasa dos curiais cinco anos para se iniciar o processo de beatificação de João Paulo II, simplifiquem, a partir de agora, o acesso aos altares».

Realmente não entendo porquê um «Santo Condestável» nunca mais é oficialmente Santo! Não entendo porquê aquele sacerdote velhinho e corcovado (de quem tenho um retrato, era ele jovem esbelto!) que, em criança, conheci na minha igreja paroquial, apontado unanimemente como o «Santo Padre Cruz», nunca mais é oficialmente Santo! Porquê?... porque ainda não «temos o milagre que faltava», como se lê, mas

na afirmativa, em capa de revista que guardei, exactamente porque me chocou?!

O nosso Deus não é milagreiro; é Pai providente e infinitamente justo e misericordioso! Exactamente neste Domingo IX do Tempo Comum, Jesus adverte os Seus discípulos (os daquele tempo e os de todos os tempos), de que «nem todo aquele que Me diz, Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus, mas só aquele que faz a vontade de Meu Pai (...). Muitos me dirão no dia do Juízo: 'Senhor, não foi em teu nome que fizemos tantos milagres?' Então lhes direi bem alto: 'Nunca vos conheci. Afastai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade'».

E onde os milagres nas canonizações que Jesus expressa no Evangelho?... Por exemplo: Aquela viúva que deita na caixa das esmolas a pequenina moeda que era tudo quanto tinha. Ao apontá-la aos Seus discípulos como a que tinha dado mais do que ninguém, porventura não é tal gesto uma canonização?! E como se chamava a pobre viúva? E a sua biografia, quem a conhece? E os seus feitos notáveis?... Jesus os sabia, mas bastou aquele para a registar no Livro da Vida.

E Dimas, o «bom ladrão»?!... Deste conhecemos o nome; sabemos o sumário da sua biografia: fora um malfeitor. Basta-lhe um instante de justiça («quanto a nós, recebemos o castigo que as nossas acções mereciam, mas Ele nada praticou de condenável»); e uma prece de confiança («Jesus, lembra-Te de mim quando estiveres no Teu reino»). E todos nós ouvimos a resposta, palavra solene de canonização: «Em verdade te digo: Hoje estarás comigo no Paraíso».

Nas verdade — e volto ao artigo já citado — «a manter-se tudo como está, nunca um Padre Américo, o peregrino das crianças da rua, ou um Padre Cruz, de santa memória, subirão aos altares, embora o Povo há muito os tenha canonizado».

A coerência das suas vidas; os bens e o modo maravilhoso como esses bens, por sua acção e intercessão, têm chegado a tantos — quanto comportarão de milagre, sinal da presença oportuna de Deus todo poderoso e bom!

Mas o milagre clássico de uma enfermidade curada sem explicação natural, é bem difícil de achar e requer «máquina» montada para tal — e nós não temos.

Eis, pois, o ponto da situação respeitante ao Processo de Pai Américo.

Padre Carlos

Momentos

O Raul

ANDOU nas páginas dos jornais por ter sido levado da Escola EB2/3 de Paço de Sousa, sem o nosso conhecimento, e segundo nos contaram, por Técnicos da Segurança Social.

Este Gaiato estava em nossa Casa há cinco anos, com o irmão, o José Henrique, de dezasseis anos.

Era dos melhores trompetes da nossa bandinha. Os catorze e tal, apesar de bem constituídos, não o perturbaram demasiado, salvo um certo alheamento nas aulas que, agora, estava a ultrapassar.

Quando, há cerca de três anos, me pediram para receber o outro irmão, o Tiago, como foi sempre a minha prática, fui ver a sua situação familiar.

Vivia com os pais num casebre térreo e solitário de duas águas e telha vã situado numa encosta sombria que, às 16h00, ainda se encontrava rodeado de geada branca.

Estávamos em Fevereiro.

Pela frente da casa passava um caminho de carroça, coberto de água transformada em gelo tão forte que aguentava o nosso peso, sem se quebrar.

A mãe lavava roupa, cá fora, num amovível tanque de cimento. O pai entretinha-se, junto da esposa, não me lembro bem com quê.

Ao chegar, vieram logo ao meu encontro.

— São os pais do Tiago?

— Sou o padre da Casa do Gaiato onde se encontram o Raul e o José Henrique.

Foi como se fôssemos fulminados por um raio!... Caíram em cima de mim, agarraram-se ao meu pescoço a gritar: — Não me tire o meu filho. Repetindo muitas vezes a chorar: — Não me tirem o meu filhinho.

É a voz da natureza que devemos respeitar.

Doeu-nos de tal modo que sugeri à Segurança Social uma solução diferente daquela que, a dita Segurança, pretendia dar:

Condições de habitabilidade à família, ampará-la com visitas bisemanais, vigiá-la para que tivesse higiene em casa e as crianças fossem à escola e não tirassem os filhos aos pais.

Não gostaram. É, na verdade, uma solução muito trabalhosa e incomodativa. A que apresentavam seria mais fácil.

Não aceitei o Tiago e isso pareceu-lhes muito mal.

O que pesa no processo do Tribunal é sempre o parecer dos Técnicos. É pelas informações que os Tribunais se regulam. Normalmente, à Casa do Gaiato, não perguntam nada.

Para alguns Técnicos e Magistrados não somos mais que um depósito de pessoas como qualquer Centro de acolhimento dos sem abrigo — as actuais mitras ou albergues, por mais efeminados nomes com que se pretenda encobrir a realidade.

Assistir à família. Amparar a família. Sofrer a família não é trabalho para técnicos, sim para apaixonados do amor!

Ai dos nossos Pobres, hoje, com tanto tecnicismo. Ai da Igreja se não abrir os olhos!

Continua na página 3

Malanje

Dia-a-dia

O Valente, com 5 anos, vivia com um tio num bairro da cidade. Todos os dias as vizinhas traziam queixas: «Ele bateu no meu filho; ele falou palavrões; tire o miúdo daqui». Teve que tirar mesmo! Entregou-o a uma Irmã religiosa que, cheia de brilhos, o veio trazer a nossa Casa. Aqui cresceu. Todos os dias uma asneira — talvez para nos dizer: «Estou aqui!» Meteu, pois, o «tal» psiquiatra... Sobretudo o carinho da nossa Irmã Marlene, a quem acabou por roubar.

Não encontramos processo ou força carinhosa capaz de o virar...

Foi forte a última que nos fez. Então veio ter comigo — que já tinha descoberto onde estava a mãe e que ia ter com ela. Talvez o amor de mãe! Nós, que sim, e já o deixámos na pracinha da Capeta para seguir para Cangandala.

Ao fazer-lhe adeus, senti em todo o meu íntimo a dor do fracasso e impotência.

O Quim entrou-me no escritório com a miniatura em papelão numa casa. Bonita e perfeita! Que me oferecia e que ia fazer a nossa casa-mãe com colunas e tudo!

Ele anda na nona-classe.

— Quero ser arquitecto — atirou.

— Podes, se tu quiseres — respondi-lhe.

Mas o que mais sobressai no seu rosto de menino — são os seus olhos bondosos.

JÁ agora, falo-vos do Mendes, «Batatinha» de 6 anos, a quem todos querem.

Dança maravilhosamente.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

EXCLUSÃO SOCIAL — Vale a pena citar uma nota publicada num matutino sobre a exclusão social, muito a propósito. Aí está:

«Portugal, apesar de pertencer ao lote de países mais desenvolvidos, continua a apresentar números de pobreza absoluta muito semelhantes aos países sub-desenvolvidos, o que coloca o nosso País na cauda da Europa em questões de exclusão social — 21% dos portugueses encontram-se nessa situação. Em Braga, a vice-presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz falou sobre políticas públicas de combate à pobreza e manifestou algumas perplexidades sobre esta matéria.

'No nosso País, fala-se mais de pobreza do que de exclusão social porque estamos mais habituados a viver com ela, o que nos leva a perder sensibilidade para este fenómeno'.

Esta atitude está a fazer *'com que os Pobres fiquem resignados com a sua pobreza e os não pobres considerem-na uma fatalidade, atribuindo a pobreza aos próprios Pobres'*. A professora jubilada conclui, por isso, que *'esta visão predispõe uns e outros a não enfrentarem este problema'*.

Nesta altura há dois milhões de pessoas, em Portugal, a viver abaixo dos 60% do rendimento mediano definido pelo Eurostat para o nosso País: *'São 21% de portugueses com condições de exclusão social, o que quer dizer que há um em cada cinco sem condições básicas de sobrevivência'*. Mas a vice-presidente da Comissão Nacional está

convencida que, *'se não houvesse políticas sociais para acabar com o fenómeno, os números seriam ainda mais dramáticos'*.

Ela pede mais estudos sobre a exclusão social, porque *'os que existem são raros'*, não havendo nenhum que *'apresente dados descentralizados por regiões'*, nem estudos que *'mostrem ou não a eficácia das políticas públicas, sobretudo ao nível da macro-economia'*. É que o conhecimento, *'o mais real possível, de todas esta problemática'* levará à adopção de políticas mais concretas e eficazes.

'A exclusão social deve ser colocada no topo da agenda política e deve ser transversal a todas as políticas públicas' deixando de ser *'como actualmente vectorial'*, rematou.»

PARTILHA — Dez euros, de assinante 20753, de Coimbra, *'para o que for preciso. Que a todos Deus ajude: a vós trabalhadores incansáveis, e aos Pobres que servis. Estou em comunhão convosco'*. Muito obrigado!

Temos, agora, a assinante 76577 que *'envia um pequeno contributo e bem haja pelo Bem que fazem e Deus vos abençoe'*. Retribuímos no mesmo sentido.

Com duzentos euros, mais *'um pequeno contributo para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Será para distribuírem como melhor entenderem, pois as necessidades são sempre muitas e, com certeza, a conta da farmácia deve levar a maior parte'*. O que aí vai, verdade seja, não dá para pagar na botica!

Em nome dos Pobres, muito obrigado. O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Há dias, uma estação da Rádio pedia opinião dos ouvintes sobre o porquê de tanta destruição e violência nos bairros sociais das Câmaras Municipais.

Lembrei-me, logo, dos nossos amigos, que visitamos, que também se mudaram para esses bairros e que continuam a ter um comportamento cívico, como tinham até aí. E porquê? Porque nós, na medida do possível, lhes continuamos a dar o nosso apoio, e a fazer as nossas visitas.

O povo costuma dizer: *'o que torto nasce, tarde ou nunca se endireita'*.

As nossas autoridades só se preocupam em distribuir a mercadoria, «casas», para dar nas vistas e, como é natural, obterem mais votos.

Não importa do meio social a que pertencem. Se são ou não capazes de se integrarem no meio social para onde vão.

Ora, nós perguntamos: Onde está o Serviço Social deste País? Para que servem as senhoras e os senhores Assistentes Sociais? Será que estão também no desemprego?

Não estão, não senhor. Estão sentados numa secretária onde esperam que os que precisam do seu serviço os procurem, onde lhes levantam toda a espécie de dificuldades para solução dos problemas que os afligem.

O que interessa aos ditos é a sua promoção social e profissional.

Então fazem-se relatórios de coisas e assuntos, dos quais estão completamente desfazados. Ainda há dias, líamos num dos jornais do Porto sobre o assunto que denotava precisamente a sua falta de conhecimento. Tanto no assunto referido, como no conhecimento de causa.

Depois, claro, os que acreditam em tais relatórios levantam toda a espécie de dificuldade a quem honestamente, e sem qualquer interesse em si próprio, consegue aquilo que eles deviam fazer, e para o qual são pagos, com o dinheiro dos nossos impostos.

Nós pensamos que o lugar certo desses funcionários é, precisamente, nestes bairros, onde prolifera o banditismo, etc.

Saiam dos vossos gabinetes. Visitem as famílias, façam reuniões com as famílias mais problemáticas, ajudem-nos no que precisam.

Então, aí, sim. Façam os relatórios para que as autoridades vos ajudem a resolver os casos mais difíceis.

Por sua vez, os serviços camarários, antes de distribuírem as casas, ponham os seus Serviços Sociais a funcionar, preparando as famílias que vão mudar de casa e ambiente, para a promoção que, ao fim e ao cabo, acaba de ser para eles.

Estamos certos de que, então, sim, estas famílias serão integradas conve-

nientemente nas suas novas moradias e saberão integrar-se nos seus novos ambientes.

Ao fim e ao cabo, é o serviço que nós, os membros das Conferências Vicentinas, fazemos.

Visitamos as famílias mais carenciadas, levamos-lhes algumas ajudas, damos-lhes conselhos e ajudamos também a resolver parte dos seus problemas sociais.

Visitamos famílias com problemas muito graves. Em algumas conseguimos resultados positivos. Conseguimos salvar jovens da prostituição, ajudando-os nos estudos. Tanto na parte material como na espiritual.

Fazemos as nossas reuniões, debatemos os problemas mais graves e fazemos as nossas actas, onde ficam registados os casos mais problemáticos.

No entanto, tudo o que fazemos é por amor aos nossos irmãos.

Não temos ordenados, nem estamos interessados em fazer relatórios bem elaborados (não interessa como, nem com que dados), porque também não nos interessa qualquer promoção, nem social nem material.

Resta-nos a consolação de exemplos de mães que acabam por abandonar a prostituição e as suas filhas tirar cursos superiores. Esta é a nossa bandeira.

Mas também ficamos tristes quando o nosso trabalho não produz os resultados que desejávamos.

Não somos formados em Serviço Social, mas temos amor ao nosso próximo e a Deus. É este amor ao próximo e a Deus que faz com que, no maior número de casos, consigamos resultados positivos.

Por isso, aconselhamos as autoridades competentes que tirem o Serviço Social das secretárias e o ponham a trabalhar no meio onde ele é mais preciso, ou seja, no meio do povo.

No meio das famílias mais carenciadas, ajudando-as no que precisam. Promovendo reuniões com eles e aconselhando-os.

Então, sim, é o sítio certo do Serviço Social Português. Então irão ver que a violência nos bairros sociais desaparece.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

Paço de Sousa

FINAL DO CAMPEONATO INTER-CASAS DO GAIATO — Há momentos na vida que nos tocam profundamente! Um deles foi justamente o que aconteceu no dia 28 de Maio, por volta do meio-dia, quando começaram a chegar os rapazes de todas as Casas: Miranda, Setúbal, Tojal e mais tarde Beire, para participarem no fecho daquilo que foi o Campeonato de Futebol Inter-Casas do Gaiato de 2005. Este ano, organizado pela Casa-Mãe — Paço de Sousa. Foi uma verdadeira festa! Todos os rapazes vinham alegres, satisfeitos e bem dispostos, cheios de dinamismo e com vontade em participar, com uma força interior que os dispunham, no seu querer de hoje, e orgulhosos em continuarem a prestar toda a colaboração a esta Obra admirável e imorredoura, que é nossa.

Todo o sucedido de hoje foi um bom exemplo, para todos aqueles que dizem que vivemos sem alegria, tristes e enclausurados. Tanta ignorância...

CLASSIFICAÇÃO FINAL

	J	V	D	E	GM	GS	TOTAL
Tojal	6	3	1	2	13	11	11
Paço de Sousa	6	3	3	0	11	11	9
Miranda	6	2	2	2	14	15	8
Setúbal	6	1	3	2	13	14	5

junta demonstra bem a falta de conhecimento que têm a nosso respeito.

Por volta das 13h00 tocou a sineta, e toda a gente se foi aproximando do refeitório, onde seria, digamos assim, o primeiro grande encontro. Sempre ouvi dizer que: *'não se deve pregar a estômagos vazios'*. Portanto, Padre Acílio mandou matar uma vitela para ser preparada com os restantes condimentos, para que toda a gente ficasse saciada. E ficaram, graças a Deus!

Depois do almoço e do respectivo café, servido no nosso bar, pelo Paulo «Mudo», toda a gente se dirigiu para o salão, onde se celebrou a cerimónia da entrega dos troféus e das respectivas medalhas a todos os participantes no campeonato.

Primeiro foi entregue o prémio à equipa mais disciplinada: Paço de Sousa; ao melhor guarda-redes: «Mancha» — Paço de Sousa; ao melhor marcador: Zé Carlos — Miranda; ao melhor treinador: Néelson — Tojal; ao marcador do melhor golo do campeonato: «Bolinhas» — Paço de Sousa; o prémio «Dedicação»: Fernando «Cocas» — Setúbal; o prémio «Presença»: Padre João — Miranda; a taça à Casa organizadora: Padre Manuel Mendes — Paço de Sousa; a taça «50 anos de vida» (faz este ano) — à Casa de Setúbal. Muitos outros prémios foram entregues aos rapazes e às Casas. Por último, foram entregues as taças ao 2.º, 3.º e 4.º classificados. A taça ao 1.º classificado foi entregue no fim do jogo Tojal-Seleção, que teve lugar às 16h30, pela senhora Dr.ª Maria José Rosa Lima, presidente da Casa do Benfica, na cidade do Porto, que gentilmente nos ofereceu. Antes do fecho da sessão, foi divulgada a Casa que vai organizar o evento de 2006 — Miranda do Corvo.

Para encerrar a cerimónia, Padre Manuel Mendes falou sobre a importância que estes acontecimentos têm para os rapazes e recordou através de um pequeno trecho Pai Américo: *'O desporto está na primeira linha da educação do homem. É um alimento físico e moral. É um companheiro de boas maneiras'*

(...) O desporto é saudável. Não falamos dos excessos, que isso não é da sua essência. Dizemos o desporto equilibrado. Peço aqui perdão de falar um bocadinho da minha ilustre pessoa:

Passei os meus verdes anos em uma comunidade inglesa. Éramos muitos companheiros de trabalho, na classe dos vinte e quê. Pois bem. A nenhum daqueles jovens se punha o problema íntimo que tortura os da nossa raça, naquelas idades. Porquê? O interesse são por uma causa saudável: o desporto.

A Igreja Universal recomenda os jogos.

Depois, teve então lugar o respectivo desafio de futebol, muito bem disputado e aguerrido de parte a parte. No final, registou-se um empate a duas bolas. O árbitro, como sempre, em Paço de Sousa, foi um da Superliga, que por sinal esteve no último jogo do F. C. Porto-Académica. Embora exigente e disciplinado, foi sempre um verdadeiro irmão mais velho dentro do campo.

No final do encontro, toda a gente se voltou a juntar, para uma merenda ajantarada, onde nada faltou. Muita algazarra, muita alegria, mas tudo dentro da normalidade e do máximo respeito uns para com os outros, não perturbando o bem-estar de cada um e sobretudo o excelente ambiente familiar que sempre houve.

Graças a Deus, foi conseguido, entre muitos outros objectivos, o de juntar os rapazes de todas as Casas do Gaiato: Paço de Sousa, Miranda, Tojal, Setúbal e Beire, demonstrando assim ao mundo, sobretudo àqueles que ainda não acreditam em nós, que somos uma verdadeira família.

Depois de todos bem comidos e bem bebidos, vieram as despedidas. Logo, toda a gente se dirigiu em paz e bem dispostos para suas Casas. Mais um dia feliz, na vida de cada um de nós!

Alberto («Resende»)

Setúbal

FUTEBOL — No dia 28 de Maio, houve uma grande final entre as Casas do Gaiato. A entrega dos prémios foi em Paço de Sousa, a Casa que organizou o torneio.

Quando o pessoal chegou a Paço de Sousa foi bem recebido. Fomos almoçar e, depois do café, às 15h00, a entrega dos prémios. Nós recebemos duas taças, uma dos cinquenta anos da nossa Casa e outra do 4.º lugar no torneio. O nosso treinador foi considerado o melhor e, por isso, recebeu um troféu. Foi também dito que o próximo torneio será organizado pela Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, que é a mais antiga.

Às 17h00, começou o jogo entre a Casa do Tojal, que ganhou o torneio, e a selecção das outras Casas. No final, que terminou empatado, todos os jogadores que participaram, receberam medalhas. Depois fomos merendar e regressámos a Casa.

CAMPO — O «Fernandinho», o «Lagarto», o João Correia e o «Filipe da Lota» andaram a plantar o tomate que é para o pessoal comer durante o Verão e para congelar. O tomate dá muito trabalho a tratar por causa da lagarta e do aranhaço. Também é preciso regar, para o tomateiro não morrer.

Já começámos a apanhar batata no pomar das macieiras. Tem de ser apanhada antes que apodreça na terra. Ela é para a gente comer ao longo do ano.

FESTAS — Estão a correr bem, e os rapazes andam satisfeitos porque gostam de dançar e representar. Também porque convivem com as outras pessoas. O Hélder está satisfeito com os rapazes porque se estão a sair bem. O nosso cenário está bonito. Esperamos que as pessoas gostem muito das Festas da Casa do Gaiato de Setúbal.

«Lagarto» e Horácio

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Maio, 58.000 exemplares

Pão de Vida

Vitaminas

DA terra vem tudo e quando se revolve, dá de novo. Nestes campos de regadio, em que as fontes ainda não sequearam, têm-se colhido favas, ervilhas, feijão, alfaces. Este ano, os citrinos aguentaram-se nas árvores.

Contra as directivas europeias, o leite vai sobejando, nalguns dias. As carnes de bovino e suíno dão para o autoconsumo, como na festa do desporto-rei entre as nossas Casas, em que o maior prémio foi a comunhão entre os membros da nossa família, à volta da grande mesa de granito, à volta da cozinha.

Jesus veio para termos vida em abundância. As multidões não O largavam e os técnicos da Lei, naquele tempo, engendraram motivos para O prender.

Uma superfície comercial tem canalizado, para nós, alguma fruta que não passa no controlo de qualidade. Ainda bem!

Aqueles que são rejeitados, revelam-se indispensáveis ao desenvolvimento social, sem estigmas.

Em dias de devassa, atiraram-nos à cara: «*Pois é, estão dependentes do povo*». Sim, senhor! De facto, esta relação, quase devoção, tem sido a nossa independência dos poderosos, mirada de soslaio.

A sementeira do milho já começou. Nós somos os grãos de painço, amassados com o sangue de vidas desfeitas, na engrenagem da involução das mentalidades, em que há retrocesso familiar. A jurisprudência segue a tendência ocidental de desvio da verdadeira família — pai, mãe e filhos.

Vivemos em comunidade, num corpo que encaixará, a custo, nos parágrafos de artigos legalistas. Os filhos sem família, menores e maiores, que acolhemos, vivem nas suas Casas e, mesmo assim, correm riscos legais.

Muitos adolescentes e jovens frequentam os meandros da delinquência e alguns são mantes de dois funcionários para cada um,

Não é saudável agarrar a própria vida, enfaixado numa caterva de empregados. Dificilmente desabrocham a iniciativa e a responsabilidade.

Os frutos que vão maturando entre nós, são fontes de vitaminas, substâncias indispensáveis ao crescimento e manutenção dos organismos, como alguns que nos chegaram debilitados. O Maurinho

tem onze anos e mais parece um passarinho, caído do ninho, a abrir a boca.

Mesmo dependentes do povo, nomeadamente na partilha, não podemos parar de esgravatar, a sério.

Acontece que alguns, em vez de se voltarem para a terra, foram tentados pelas alturas das cerejas, vermelhinhas, na encosta poente da quinta; e outros trincaram as primícias dos pêssegos, apesar de não faltar fruta às refeições. É justo deixar amadurecer os frutos, para serem mais deliciosos e vitaminados, regalando todos os membros da nossa família.

Os nossos rapazes não são filhos a prazo, sujeitos a serem arrancados verdes desta árvore, como o Raul, que não vemos desde o pequeno-almoço de 20 de Maio, porque desviado da Escola, sem notificação oficial.

Todos os dias são eucarísticos, de sacrifício e acção de graças. Neste ano, o Senhor do Pão dos fortes subiu os nossos caminhos, desde o Altar do Salvador.

Vários filhos nossos estão a preparar-se para O receberem, juntinho ao coração, pela primeira vez. «*Jesus sentiu fome*». Se eles comungarem do Alimento celeste, por excelência, não vacilarão!

Padre Manuel Mendes

DOCTRINA



Oh homem,
não tires da vida a morte!

«**S**E temos cinco, chega para cinco. Quando temos cem, nada nos falta» — ouvi eu da boca de uma Irmãzinha dos Pobres, no Pinheiro Manso, um dia que lhes fui levar um abandonado, como já disse em tempos n'O GAIATO e agora torno a dizer, a ver se a lição fica. Citamos propositadamente estes casos como argumento de uma doutrina que mergulha no Evangelho. A Caridade «que folga com a Justiça»; aquela mesma «que não procura os seus interesses» — essa nunca perde nada da sua virtude, por ser imensa. As Obras de caridade não dependem dos mortais, embora sejam realizadas por eles, para bem deles. O que importa é que os homens se não atravessem com a «caridadezinha» dos seus amores. Que ponham a mesa. Que abram as camas. Que não fechem as portas. Que chorem. Que não se busquem. Que não troquem a moeda forte, que é precisamente a criança que se apresenta, pela falta de verba, do orçamento, dos papéis. Oh homem não tires da Vida a morte!

Padre Manuel Mendes

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Momentos

Continuação da página 1

O Rodrigues

VEIO de Moçambique, apanhado pelas Irmãs de Madre Teresa de Calcutá, com onze anos.

Sofrendo de terrível deficiência renal, as Irmãs dirigiram-se ao nosso Padre José Maria a pedir ajuda para ele não lhes morrer nas mãos.

Com boa colaboração da Embaixada de Portugal, naquele País, o

passaporte arranjou-se de um dia para o outro.

Padre Carlos, com médicos amigos, aqui, no Porto, conseguiu interná-lo imediatamente.

Passado algum tempo, teve alta e continuou a viver fazendo hemodiálise.

Carregado, também, com hepatite B, a sua alimentação exigia inúmeros cuidados.

Atrasado na Escola, foi necessário investir nele imensa ajuda.

Em Abril de 2004 implantou um rim. O rapaz, que estava a acabar os 15 anos, explodiu em todas as

áreas do seu desenvolvimento numa adolescência repentina.

O que foi preciso sofrer com uma pessoa que parecia tão pacífica e tão humilde e que, agora, se tornou rebelde, agressiva e arrogante!... Tudo suportámos.

No Verão passado, frequentou um curso de música de 400 horas e ganhou quase dois mil euros que foram postos na sua conta.

Era nosso prateleiro na banda. Num ensaio desrespeitou o professor, deu-me um abanão e fugiu. Telefonou para os amigos!

Passados dez dias, veio, aqui, a GNR buscá-lo sob custódia para o Tribunal de Penafiel e, no dia seguinte, recebo ordens, do mesmo Tribunal, para o entregar a uma família de Vila do Conde que não conheço.

Aquela instância judicial bastou ouvir o menor e ler os relatos dos técnicos para decidir.

A Casa do Gaiato não teve voz. Se isto é um Estado de Direito não sei o que é um Estado torto!

Deus queira que o casal não se canse do Rodrigues, não o ponha às portas do Tribunal e não o abandone para que ele vá para a um Centro dos sem-abrigo, como tem acontecido em tantos casos! Dá pena!

Quem dera que as situações se resolvessem na vida como se despalham os papéis.

O rapaz fazia, à noite, um curso de informática que, de repente, interrompeu. Estamos no final do ano escolar, sendo desaconselhável a mudança de escola, de professores, de métodos, de colegas e de ambiente.

Nada disto pesou perante a Lei e o Magistrado que a aplica.

Fazer desgraças é fácil e é legal. Remedíam-las, só com muito amor e força de Deus.

Padre Acílio

Malanje

Continuação da página 1

Um casal de médicos quer levá-lo para Espanha!

A nossa Casa sem ele ficaria mais pobre!

Aposto que já os nossos Amigos leitores se apaixonaram pelo Mendes!

Não vamos parti-lo... Há-de seguir o seu caminho todo direitinho!

SE o nosso Padre Acílio viesse agora, ficaria com outra impressão... Só viu capinzais! Nas baixas, nos altos e nas picadas a fustigarem os vidros do carro.

Não fez como aquele Ministro, no tempo colonial, que afirmou deslumbrado: «Que ricas searas de gente!»; aconselhou antes a mergulhá-los na terra para serem estrume...

Assim temos feito e estamos fazendo agora — antes que venham as queimadas. Estão à porta.

Cada poente está acendendo numa fogueira rubra e quente... Sinal de cacimbo.

Começam já a delinear-se os talhões de hortaliças.

TENHO fome! Foi uma que apareceu, logo, de manhã...

Depois o Benjamim, a quem já expliquei milhentas vezes que não temos as chapas que pede, mas ele não desiste, quase todos os dias: «As paredes estão prontas é um grande favor...»

Depois um óbito: «São só duas tábuas». «Gastais tanto para o caporoto e não tendes uns quantos para a caixa?» Silêncio. «É só!» — respondeu.

Até onde vou com estas niqui-

ces? — me pergunto. Dá-me impressão de estar numa superfície escorregadia e sempre no mesmo lugar...

É certo que Deus não nos pede para mudarmos o mundo, mas que colaboremos com Ele na construção dum mundo melhor. O homem maltratado pelos ladrões não pediu nada. Porém o Samaritano pegou nele e tratou-o.

O irreverente interrogou o donstada quase nua e com fome: «Como Deus permite tal coisa?» O mestre não respondeu, naquele momento. Só mais tarde lhe respondeu: «Olha, Deus não esqueceu a criança, criou-te a ti e deu-te capacidade para olhares e trates dela».

É assim. O Senhor pede a nossa colaboração — até nas coisas mais pequeninas e que nos parecem banais.

AO dia-a-dia, confrontados com os nossos afazeres, desilusões, sinais de vida e outros de frustração — no interior de cada um — sucede sempre em cada poente rubro um «desejo-sinal» de esperança. Necessária esta esperança, sobretudo, quando já cansados, não vemos no fim da longa recta o estafeta que tomará o lenço — sinal de continuidade e, lá na meta, testemunho de presença.

Amba, testemunho de presença nem ver lá no fim um pensal sinal do carneiro à espera do cutelo! Só quando já preparado para o acto — Deus providenciou. Mas, «quê dê» a fé de Abraão?, se como haste de capim baloçamos ao som de todas as brisetas.

Que sinais alimentavam a sua fé? A chuva, o vento, o sol, os seus rebanhos pastando nas planícies, e os poentes rubros? Talvez estes, na solidão do seu espaço.

Padre Telmo

Santo Antão do Tojal

ROUBO — Nestes últimos dias tem havido muitos roubos. Foi-nos roubado um casal de porcos, cinco ovelhas, duas colunas de som, uma mala de cabo para fazer as ligações à mesa de som. Esperamos que nos próximos dias ou meses, estas desilusões acabem.

PISCINA — Aproxima-se o calor. Nos dias quentes de Verão apetece refrescar o corpo e, para isso, é necessário dar um mergulho. Os nossos rapazes já começaram a limpar a piscina. Esperamos dar um mergulho nos próximos dias.

CAMPO — Desde a última quinzena, as plantações continuam no mesmo caminho. Deus queira que a colheita seja boa.

POMAR — As macieiras estão carregadinhas de frutos, os diospiros estão com bom aspecto, as laranjeiras encontram-se no mesmo estado. Os rapazes têm regado o pomar. Espera-

mos todos que eles cheguem à mesa saborosos, para as nossas sobremesas.

Escuta antes que seja tarde

*Quero dizer ao mundo
O quanto somos frágeis
O quanto somos fortes
O quanto somos hipócritas
O quanto somos diferentes
Quero gritar mas ninguém ouve
Sou estranho neste mundo
Quero alertar o povo
O quanto somos capazes
O que nos distingue do ser vivo
O que nos transforma
O porque temos alma
Quero dizer aos grandes chefes
Que se tornem servos
Que mudem de opinião
Que digam sim à palavra verdade
Que vivam a vida de todas as classes
Mas não é tudo...
Quero dizer ao mundo
Que completem o que ficou para dizer
Porque amanhã não vou estar aqui.*

Abílio Pequeno

Benguela

O Boni e o Susi

ACABO de chegar a Casa, depois do início duma reunião sobre a violência contra a criança, promovida pelo Instituto Nacional da Criança. Mais de 80% das crianças de Angola nasceram e cresceram debaixo do trauma da guerra. Colocadas no regaço da Casa do Gaiato, suplicam com as mãos e o seu rosto a cura das suas feridas. Não temos outro remédio que não seja dar-lhes tudo o que somos e temos. Vivemos só para elas. Não servimos outra bandeira. Nunca servimos outros interesses, desde o nosso nascimento em Angola. A criança abandonada é a razão de ser da nossa vida aqui.

Fiquei muito impressionado quando entrei na história dalguns meninos que poisaram, há pouco tempo, neste santuário de almas. Estou a lembrar-me da tristeza muito grande espelhada nos olhos, à mistura com palavras repetidas e alguma raiva, daquele pequenino que falava da morte da mãe às mãos de seu pai, durante a guerra. Esta cena vai marcá-lo para toda a vida.

Ontem, já ao fim do dia, encostou-se a mim, com a cabeça bem perto do meu coração, a repousar tranquilamente. Vivi, naquela hora, a paternidade do meu sacerdócio, duma forma bem sentida. Se é verdade que necessitam do pai, não precisam menos da mãe, escondida no coração da mulher disposta a deixar tudo para ser tudo para eles.

Há doenças que não se curam com remédios vendidos nas farmácias. Assim as chagas das crianças nascidas da violência, quer dentro quer fora da família. O abandono é uma das formas da violência mais cruel. O regresso à família e ao espírito de família é o caminho da cura mais seguro. Por isso, Pai Américo, com a intuição do homem marcado pela pureza da fonte da vida que está no mistério da Trindade, não quis outra forma de estar nas Casas do Gaiato que não seja o padrão familiar. É o ambiente natural, onde a criança se sente bem, se deixa curar, cresce e se faz pessoa responsável. Tenho muito viva a imagem colhida à hora da refeição do

meio-dia: O Boni, de 7 anos, e o Susi, de 3 anos, a comer na mesma mesa. O mais pequenino necessitava de ajuda. Pois bem, o Boni toma a colher e começa a dar a comida ao Susi. Tudo feito com muita naturalidade. Fiquei em silêncio a contemplar a beleza do quadro que tinha diante dos meus olhos. Nascem, deste modo, relações muito intensas na linha do horizonte, ao jeito da vida de irmãos. É a presença da família.

A propósito de remédios, vejo-me aflito para atender toda a gente que nos bate à porta com o dinheiro necessário para os comprar. São muito caros. Por isso, a mortalidade é assustadora. Que fazer? Vamos até onde podemos. Quantas vidas salvas, porque na hora oportuna não faltaram os medicamentos!? Olho, contudo para os nossos fundos e estou a vê-los lá muito no fundo. Como não aprendi a viver doutra maneira, espero confiante que haveis de continuar a segurá-los com as vossas mãos. A gotinha de água do nosso trabalho ganha cada vez mais valor. Precisamos das tuas gotas.

Quem dera o vosso coração se prendesse ao coração do Susi para sorrirdes como o rosto dele! Obrigado! Também faz parte do humano que há em vós.

Padre Manuel António

Tribuna de Coimbra

Espírito de partilha e camaradagem

O campeonato de futebol «inter-Casas» terminou no sábado passado no campo de futebol da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Foi uma bela iniciativa que tendo partido de Paço de Sousa, sede da Obra da Rua, irmanou os rapazes de todas as Casas do Gaiato. Unir os rapazes, num tempo em que a pressão envolvente teima o contrário, é um grande objectivo a alcançar. Esta modalidade desportiva é a mais apreciada por todos em todas as Casas.

Foram momentos muito enriquecedores para todos em cada Casa. Cada uma esmerou-se no acolhimento fraterno que se intensificou principalmente na partilha da refeição principal do dia e na merenda retemperadora do desgaste físico.

Houve taças, como podemos observar, para todos os comportamentos, os melhores e os menos competitivos. Ninguém ficou de fora, embora um só tivesse sido o vencedor, neste caso a Casa do Gaiato do Tojal. Nada de reprovações ou suspeições, porque o futebol serve para unir e não o contrário.

O motivo do campeonato foi alcançado: estarmos uns com os outros e sentirmo-nos família sob o olhar paterno do Padre Américo que sempre desejou para os seus rapazes um mundo melhor que aquele que a sociedade lhes ofereceu no início das suas vidas atribuladas e, por vezes, ainda oferece com atitudes indignas e reprováveis.

Não houve o alarde dos «media» para registar, nem os chamados patrocinadores. Esses são apanágio do futebol milionário nos estádios onde abunda a maior das vezes a ostentação chocante com a realidade da pobreza circundante.

Houve, sim, um espírito de partilha e de camaradagem que raramente faz notícia. Esse, sim, o mais importante, aquele que precisam e os rapazes mais agradecem. É evidente que nos apercebemos que nos «bastidores» de cada encontro estava muita gente empenhada e feliz por poder colaborar. Sozinho ninguém vai a lado nenhum. Assim, pela parte que nos toca, salientamos a receptividade da Câmara Municipal de Miranda do Corvo e da ADFP na execução do transporte dos rapazes. O mesmo agradecimento aos motoristas sempre disponíveis com simpatia e atenção. A ajuda preciosa de antigos gaiatos na confecção das refeições. A generosidade das nossas Senhoras e outras pessoas amigas sempre prontas a sacrificarem-se mais um pouco pelos rapazes, para que nada faltasse nas mesas. O mesmo apreço aos treinadores e árbitros que tudo fizeram para que a competição decorresse num clima de justiça e de equidade, facto a que os rapazes são particularmente sensíveis.

É assim, acreditamos, que o mundo se vai tornando mais leve, menos sufocante.

Padre João

Setúbal

E se nos deixassem dar a mão...?

VOLTO ao caso do pequeno de dez anos, abandonado pelo pai e pela mãe, entregue aos tios que o não podem criar. Com quatro anos de idade, foi deixado a uma tia. Entrado na idade escolar, começaram as complicações e os comportamentos que os agentes escolares deixaram de poder suportar. Por esse motivo, nessa altura, foi pedida a intervenção da Segurança Social. Os diálogos sucederam-se, mas nunca houve uma solução para o problema.

Incapaz de ter mão nele, a tia fez regressar o rapaz à mãe, e desta, de imediato, seguiu para outra tia. O tio desta saía cedo para o trabalho e só regressava no fim do dia. Com a tia doente e incapaz de o controlar, o pequeno foi-se alargando nos devaneios de criança rejeitada e abandonada, procurando cada vez mais o refúgio junto de companheiros também eles entregues a si próprios.

A Segurança Social vai adiando, e os tios só encontraram uma saída: pôr o sobrinho nas mãos de quem de direito. Os pais são os primeiros, mas nada os obriga; restam os poderes intuídos.

O tempo urge; agora a idade é crítica. É imperioso encontrar uma solução estável para o rapazito, antes que ganhe raízes nele a revolta contra esta sociedade que o abandona e hipocritamente diz defendê-lo.

Outras situações com resultados idênticos se vão sucedendo, como são os casos dos companheiros do pequeno. As histórias que a elas conduzem são diferentes, mas as consequências são as mesmas.

Perante tudo isto, nós queríamos dar a mão, ajudar, mas estamos manietados. Quem tem o poder para resolver estes assuntos, não resolve nem deixa resolver. Isto nos leva a concluir que indubitavelmente existe uma linha de pensamento que conduz as suas decisões: desde que a criança esteja a viver com alguém do seu sangue, está tudo bem! É de deixar andar as coisas, haja ou não lamentações de impotência desses familiares devidamente fundamentadas, haja ou não sinais evidentes de mal estar da criança.

Assim se vão deitando a perder as vidas que tinham o direito de ser úteis e felizes, por acção de agentes insensíveis e interesseiros de uma sociedade cada vez mais confusa e insensível às necessidades dos seus Pobres. Quem o é mais que estas crianças?

Quando as teorias tendentes a resolver os problemas sociais andam desligadas do interesse daqueles a quem são dirigidas, podem mascarar os números das estatísticas, mas irão também multiplicar os problemas que deveriam resolver.

Se ao menos nos deixassem dar a mão...

Festas

Os rapazes andam entusiasmados, os que participam no palco e os restantes. O empenho é grande e vai exigindo mais de nós. No final acho que vai ficar a insatisfação por não termos iniciado a preparação das Festas há mais tempo de modo a podermos ir a mais locais. Esperamos que este entusiasmo se contagie aos nossos Amigos que irão ver, no palco, os nossos rapazes.

11 de Junho — Sábado, 21h30, Fórum Municipal Luísa Tody, SETÚBAL.

19 de Junho — Domingo, às 15h30, Salão do Grupo Desportivo de SESIMBRA.

25 de Junho — Sábado, às 21h30, Sociedade Filarmónica União Seixalense, SEIXAL.

Padre Júlio

Cantinho dos Rapazes

«Olá, senhor Padre!
Fala o Rafael, como sabe estou preso e não tenho nada.

Fiz muita porcaria aqui, mas não estou preso por acaso e acho bem a juíza ter-nos metido aqui, porque aqui nós aprendemos o que é uma cadeia.

Aí, os rapazes pensam que a vida cá fora é fácil?

Pois eu já pensei assim, mas como o senhor Padre vê, hoje, estou preso porque fui burro e não aproveitei e escolhi o lado da vida marginal.

Mas, como deve calcular, eu estou preso e sei que não é fácil, porque sou eu que estou cá. Mas também sei que nada está perdido.

Querias pedir-lhe um grande favor: — Querias que, se possível, me mandasse um ou dois maços de tabaco para aqui, para a prisão.

Agradeço-lhe imenso se me puder fazer isso. Também sei que o senhor Padre não tem obrigação de o fazer, mas só o fará se puder.

Bem, despeço-me com um grande abraço para si e para todos os rapazes que ainda aí estão.

P.S. — Agora, sim, dou-lhe toda a razão, porque é verdade que eu nunca lhe dei ouvidos. Sempre fiz o que queria e, agora, estou a pagar pelo que lhe fiz a si e às pessoas a quem roubei.

Agora vejo e percebo que roubar vai dar à prisão.

Obrigado pela compreensão. Um grande abraço para si.

Rafael

A presente carta ilustra bem quanto é importante insistir, sem desânimo, na formação recta da consciência humana.

Este rapaz não quis seguir a indicação do caminho certo que o Padre lhe apontava, mas não dei-

xou de o descobrir: «Não é por acaso que estou preso. Fui burro, não aproveitei. Escolhi o caminho da vida marginal».

A consciência está viva por mais que ele tenha querido matá-la. Aparece, agora, evidenciando a sementeira da palavra, do exemplo, do ambiente, dos tribunais em Casa, na Comunidade: «Agora, dou-lhe toda a razão».

Meus caros rapazes, por mais que a vida vos pareça fácil, e é

— os homens, para desgraça vossa, vão alimentando-vos esta ilusão — vedes que é necessário acreditar nos vossos Padres, nas vossas Senhoras, nos vossos chefes e, na Escola, também naqueles professores mais exigentes, os quais são sempre os menos simpáticos.

A vida é uma luta contínua. Ai de quem baixar os braços! Todos temos de nos preparar para a responsabilidade — com estudo, trabalho, seriedade e muita confiança em quem nos ama e nos guia.

Não queirais, amanhã, escrever cartas destas, dum sítio destes a dizer que estais arrependidos, como o Rafael. Que agora sabe o que é uma cadeia.

É que, quem não se habituar à disciplina, ao trabalho e ao estudo, só tem, futuramente, uma saída: — roubar e ir para a cadeia!

Padre Acílio

PENSAMENTO

Plantai amor, oh homens, se quereis colher amor!

PAI AMÉRICO